

BAUDELAIRE E OS PARAÍSO ARTIFICIAIS: A BUSCA PELO “JARDIM DE BELEZA VERDADEIRA”

Alexandro Neundorf¹

Resumo: o artigo busca apresentar algumas considerações sobre a relação entre Charles Baudelaire e suas experiências psicotrópicas com os chamados “paraísos artificiais”, enfatizando a visão que o poeta desenvolveu sobre o artificial, o sobrenatural e o para-natural como instâncias superiores da experiência humana. Do mesmo modo, apresenta o poeta como sedimentador de um tipo de analítica participante.

Palavras-chave: Charles Baudelaire; analítica; “paraísos artificiais”.

Abstract: this article aims to present some considerations about the relationship between Charles Baudelaire and his experiences with psychotropic substances called "artificial paradises", emphasizing the view that the poet has developed over the artificial, the supernatural and para-natural as upper levels of the human experience. In the same way, this article presents Baudelaire as the one who collaborates in establishing a type of participant analytics.

Key words: Charles Baudelaire; analytics; "artificial paradises".

“Enquanto nós, poetas e filósofos, regeneramos nossa alma pelo trabalho sucessivo e pela contemplação; pelo exercício assíduo da vontade e pela nobreza permanente da intenção, criamos para nosso uso um jardim de beleza verdadeira.”

Baudelaire, “Poema do Haxixe”

Charles Baudelaire, poeta de *As Flores do Mal*, certamente dispensa apresentações. Boa parte de sua obra, tanto poética como crítica, tem servido de objeto para variadas pesquisas em diferentes campos de produção do conhecimento. Porém, suas experiências psicotrópicas, ilustradas não somente em sua obra poética, mas principalmente expostas em seus ensaios publicados na imprensa parisiense das décadas de 1850-60 e retratadas sob a efígie de “Paraísos Artificiais”, recebem pouca atenção ou, por vezes, a atenção se volta muito mais para uma abordagem *fait-divers* da vida do poeta. Quando Baudelaire se debruça sobre os “paraísos artificiais”, até certo ponto, também está dando vazão a sua

¹ Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná.

própria visão de mundo, que compreende as coisas naturais por um viés de inferioridade em relação às coisas artificiais.

Entre várias possibilidades de trabalho, gostaríamos de apresentar a seguinte ideia: talvez, tão importante quanto o conteúdo em si dos trabalhos envolvendo o vinho, o haxixe e o ópio, seja o método utilizado por Baudelaire para abordar o assunto e descrever suas próprias experiências. Quase como precursor da abordagem etnográfica, da observação participante, do *New Journalism* e do jornalismo gonzo.

A formação de Baudelaire transcorre entre as décadas de 1830 e 1840, anos que assistiram ao florescimento de inúmeros jornais e revistas, coincidindo com a eclosão repentina e extraordinária da imprensa diária e das agências de notícias, o que possibilitava colaborações múltiplas entre escritores, editores e jornalistas. No contexto da imprensa de massas, da descoberta do grande poder de influência dos jornais e das potencialidades comerciais e lucrativas advindas do jornalismo, tal tipo de ação colaborativa tornava-se uma necessidade premente do novo momento. (ROYAUMONT, 1913, p. 14s) E, evidentemente, tal *locus* de atuação tornara-se um importante filão para a prática de escritores e artistas em busca de publicidade e, também, em busca de sua própria sobrevivência.

A publicação da *Carta aos Escritores Franceses*, de Balzac, representa uma primeira de um conjunto de outras ações e atitudes espontâneas que passam despercebidas, mas que visam dar um novo estatuto para o ofício da escrita e a figura do escritor, àquela época miserável e injustiçado, ausente de quaisquer garantias jurídicas e ainda acossado por uma moralidade própria do campo literário, que repudiava o comércio de arte. Para isto ao menos, o século XIX inicia uma das maiores inovações estruturais no campo artístico, com o advento e desenvolvimento de um mercado e de uma economia própria para as artes, da literatura às artes plásticas, da música à dramaturgia e o cinema vindouro.

Vários periódicos, revistas e jornais literários começaram a ser produzidos nesse período, sob os auspícios do clima literário romântico. Entre eles, o *Le Corsaire*, chamado “journal des spectacles, de la littérature, des arts et des modes”, que começava a circular por Paris entre os anos de 1823 e 1858, com um interim entre os anos de 1844 e 1847, quando da fusão com outro jornal, o *Satan* de Pétrus Borel, quando passa a se chamar *Le Corsaire-Satan*. Nomes importantes do cenário

literário francês passaram pelo jornal, tais como Charles Nodier, Alphonse Karr, Léon Gozlan, Jules Sandeau, Joseph Méry, Champfleury, Théodore de Banville, Émile Cabanon, Jean Wallon, Henri Murger, Gustave Le Vavas seur, Marc Fournier, Jean de Falaise, Louis Ménard. E, lançando-se de forma oficial na carreira literária, Charles Baudelaire.

Além de ser, possivelmente, o primeiro lugar onde Baudelaire constrói uma rede de sociabilidades realmente relevante para seus destinos literários futuros (e artístico-estéticos de um modo geral), o *Le Corsaire-Satan* também desempenhou o papel de centro agregador, de reunião de jovens poetas desconhecidos e insatisfeitos (pela veia esquerdista e socialista) da época.

Enquanto se inteirava do campo artístico e literário parisiense, Baudelaire também estendia seu quadro de relacionamentos, como nas primeiras reuniões com Gustave Le Vavas seur e Ernest Prarond, com Edward Ourliac, Gerard de Nerval e Balzac; na construção do grupo de discussões com seus amigos mais próximos, chamado *École Normande*, em que escrevem poemas e canções; no seu envolvimento com a vida boêmia de Paris e seus encontros com Sarah (uma prostituta apelidada Louchette, que inspirou diversos poemas vindouros, inclusive o poema XXV, “Tu mettrais l’univers entier dans ta ruelle...”, de *Les Fleurs du Mal*).

Na década de 1840, inúmeros eventos atestam o início da atividade literária e crítica de Baudelaire, assim como o desenvolvimento do campo em que o autor se inseriria. Em 1841, no *Le Corsaire-Satan* podemos verificar a publicação de uma canção chamada *Un Soutien du Valet de Trèfle*, dirigida contra Casimir Delavigne e Jacques Ancelot, e que se deve à cooperação inominada de Baudelaire e Le Vavas seur.

Neste ano de 1841 também ocorre uma das várias intervenções familiares a Baudelaire: temendo pela independência exagerada demandada pelo autor, as despesas crescentes e as relações de amizade inoportunas, e após uma decisão tomada em conjunto com sua mãe, o padrasto Jacques Aupick decide enviá-lo a Bordeaux para embarcar em viagem marítima até Calcutá (depois de já tê-lo posto em um regime de penitência, sob os cuidados de familiares na cidade de Creil). De toda forma, tal aventura marítima lhe propiciou experiências importantes para seu futuro literário, uma vez que teve contato com a sensibilidade ante o mar, o sol e o exotismo de outras culturas. Mas, de igual forma, também colaborou para dotar de

maior vigor a aversão que já nutria para com a figura do seu padrasto e tudo aquilo que ela representava: a rigidez militar, o controle exacerbado das pulsões e desejos, a austeridade espartana da vida, a hierarquização e o respeito sacerdotal aos poderes constituídos.

Possivelmente, seu poema “L’Albatros”, que comporá a segunda edição de *Les Fleurs du Mal* de 1861, foi gestado a partir dessa experiência. Também serviu de objeto para análise de Walter Benjamin: “escrito durante a viagem ao ultramar, com a qual se esperava corrigir o jovem poeta – Baudelaire se reconhece naquelas aves. Descreve a falta de jeito delas no convés do navio, onde a tripulação as deixou”. (BENJAMIN, 2000, p. 13).

Assim que completa sua maioridade, em 1842, quase imediatamente solicita a herança legada por seu pai. É o momento do início de uma de suas amizades mais duradouras e importantes, com o caricaturista e fotógrafo Nadar (pseudônimo de Gaspard-Félix Tournachon), o qual também é o responsável pela apresentação de sua companheira para o resto da vida, Jeanne Duval, durante uma récita no Théâtre du Panthéon. Por sinal, Jeanne seria uma, dentre três, das principais mulheres na vida de Baudelaire, a quem o poeta dedicaria poemas especificamente: as outras seriam Madame Sabatier e Marie Daubrun. (WALDROP, 2006, p. XIVss)

É também a época em que a amizade com Émile Deroy se consolida e quando, após várias mudanças de residência, fixa-se finalmente no Hotel Pimodan², onde encontra Théophile Gautier, Apollonie Sabatier, Fernand Boissard e até mesmo Balzac. É neste local que congregam os integrantes do *Club des Haschischins*, que, logo mais, lhe deu a ideia de escrever a primeira parte dos “paraísos artificiais”. (BAUDELAIRE, 1860) Possivelmente a mudança definitiva e a estabilidade de residência no Pimodan se devam aos encontros regulares dos Haxixeiros. Sobre tal clube, convém mencionar que ele foi fundado poucos anos depois, em 1844, pelo psiquiatra Dr. Jacques-Joseph Moreau, e fundamentava seu objetivo no estudo da experiência do uso de substâncias psicotrópicas tais como um tal de “chanvre indien” (cânhamo indiano), o haxixe, o ópio, “protixe d’azote”,

² Famoso hotel parisiense, também chamado Hotel Lauzun, construído ainda no século XVII e habitado por figuras ilustres, tais como Théophile Gautier. Baudelaire residiu no segundo piso do lugar, no período entre outubro de 1843 e setembro de 1845.

“liqueurs alcooliques”, enfim, “substances narcotiques”.³ Foi seu amigo Louis Ménard, desde as épocas do Collège Louis-le-Grand, que lhe apresentou aos “paradis artificiels”, por volta desta época.

Muitas substâncias psicotrópicas eram conhecidas na Europa da época, mas o ópio e o haxixe eram as de uso mais arraigado, principalmente nos círculos científicos e literários, e para fins não somente científicos, mas também para excitar a imaginação e a criatividade e produzir fins recreativos. Em 1821, o escritor britânico Thomas De Quincey publicou um relato autobiográfico intitulado *Confessions of an English Opium-Eater* (DE QUINCEY, 1899), onde discorre sobre seu vício em álcool e láudano (extraído do ópio), texto logo traduzido ao francês, em 1828, por Alfred de Musset. Logo, tais substâncias ganharam a atenção do doutor Moreau, que antes estudava a alienação mental, principalmente após suas viagens pela África e Ásia. Em 1844 funda o *Club des Haschischins*, sendo Théophile Gautier um dos primeiros a participar de suas experiências controladas no uso de drogas. Gautier, a partir dessas experiências, chega a publicar um livro sobre o clube, chamado *Le Club des Haschischins*, na qual, dentre outros assuntos, descreve seu primeiro contato:

Uma noite de dezembro, obedecendo a uma convocação misteriosa, redigida em termos enigmáticos, inclusive filiais, incompreensíveis para os outros, eu cheguei a um bairro distante, uma espécie de oásis de solidão no meio de Paris, em que o rio, rodeando-o com ambos os braços, parece defender contra as invasões da civilização, como era em uma casa velha na Ile Saint-Louis, o Pimodan hotel, construído por Lauzun, o clube bizarro de que eu fazia parte desde algum pouco em suas sessões mensais, onde eu estava assistindo pela primeira vez. (GAUTIER, 1897)

Gautier passou a convidar amigos seus para participar das experiências de Moreau no hotel da ilha. Foi também onde conheceu Baudelaire, que visitava o local por mera curiosidade. Outras figuras importantes frequentavam o local, como os pintores Honoré Daumier e Eugène Delacroix, os escritores Gérard de Nerval, Gustave Flaubert, Louise Pradier (a inspiração para a criação do personagem Emma

³ Também conhecido por Moreau de Tours, foi um dos primeiros pesquisadores a se dedicar, de forma sistemática, ao estudo dos efeitos das drogas no sistema nervoso, além dos seus estudos sobre problemas e desordens mentais, tais como o histerismo, por exemplo. Seu filho, Paul Moreau, foi um continuador do seu trabalho em psiquiatria, embora também tenha se dedicado a criminologia. (MOREAU, 1845, p. 12s).

Bovary), Alexandre Dumas e Honoré de Balzac. Naturalmente, Baudelaire conheceu e firmou amizade com todos. Curiosamente, ou nem tanto, o período em que reside no Pimodan, entre outubro de 1843 e setembro de 1845, é também o período de sua quase bancarrota financeira, que só não se tornou em um real desastre graças à intervenção de sua família e a outorga de seu patrimônio restante à administração do notário Narcisse Ancelle.

Pelos anos de 1842-3, seu amigo Louis Ménard (a quem conheceu no Collège Louis-le-Grand) apresenta-lhe o que posteriormente acabou por chamar “paradis artificiels”, mais especificamente “un peu de confiture verte”, conhecido na época por dawamesk ou, ainda, haxixe. Assim descreve em seu ensaio, *Le Poème du Haschisch*, terceira parte, intitulada “Le Théâtre de Séraphin”:

Eis a droga diante de seus olhos: um pouco de confeito verde, grande como uma noz, extremamente aromático, a ponto de causar uma certa repulsa e ânsias de vômito, como o faria, de resto, todo odor agudo e mesmo agradável levado à sua força máxima e, por assim dizer, à sua densidade máxima. Que me seja permitido notar, de passagem, que esta proposição pode ser invertida e que o perfume mais repugnante, mais revoltante, poderia se tornar um prazer se fosse reduzido à sua quantidade e expansão mínimas. – Eis aí a felicidade! Uma colherzinha bem cheia! A felicidade com toda a sua embriaguez, todas as suas loucuras, todas as suas criancices! (BAUDELAIRE, 1860, p. 27s)

E continua, descrevendo seus efeitos mais importantes e, ao mesmo tempo, apresentando dicas para potencializar seus resultados e recomendando seu uso:

Pode engolir sem medo, disto não se morre. Seus órgãos físicos não sofrerão nada. Mas tarde, talvez, um apelo demasiadamente frequente ao sortilégio diminuirá a força de sua vontade, talvez se torne menos homem do que é hoje; mas o castigo está tão longe e o desastre é de uma natureza tão difícil de definir! Que riscos você corre? Amanhã, um pouco de cansaço nervoso. Você não corre o risco, todos os dias, dos maiores castigos por recompensas menores? Desta forma, está dito; para dar-lhe mais força e expansão, você chegou até mesmo a diluir sua dose de extrato gorduroso em uma xícara de café preto; tomou o cuidado de manter o estômago livre, transferindo para as nove ou dez horas da noite a refeição substancial para dar ao veneno toda a liberdade de ação; no máximo, dentro de uma hora, você tomará uma sopa leve. Você está agora suficientemente lastreado para uma longa e extraordinária viagem. O vapor apitou, o velame está orientado, e você tem sobre os viajantes comuns este curioso privilégio de ignorar aonde vai. Você quis; viva a fatalidade! (BAUDELAIRE, 1860, p. 27s)

No entanto, pela pecha de “paradis artificiels”, Baudelaire concebia igualmente o ópio e o vinho, sendo que tinha este último, certamente, como mais efetivo. Apesar dessa dedicação ao assunto, Baudelaire relata seu comedimento e moderação, inclusive com o vinho. No entanto, sua noção de “paraíso” é diretamente relatada com o sentido de “artificial”, ou talvez mesmo com a de sonho. (WALDROP, 2006, p. XIX) Uma noção muito presente no pensamento baudelairiano é a de “natural”, que recebe um apelo negativo em sua visão de mundo. Por isso mesmo, seu elogio aos “paradis” e, necessariamente, aos “paradis artificiels”.

O bom senso nos diz que as coisas da terra só existem muito pouco, e que a verdadeira realidade é apenas em sonhos. Para digerir a felicidade natural, como o artificial, é preciso primeiro ter a coragem de engolir; e aqueles que possam merecer a felicidade são precisamente aqueles que a acolhem, tal como concebido pelos mortais, sempre tem o efeito de um emético. Nas mentes simplórias ela parece singular, e até mesmo impertinente, uma tabela de prazeres artificiais é dedicado a uma mulher, a fonte mais comum de prazeres mais naturais. No entanto, é claro que como o mundo natural penetra no espiritual, ele serve como alimento e, assim, contribui para operar este amálgama indefinível que chamamos de nossa individualidade, a mulher é o ser que projeta a maior sombra ou a luz maior em nossos sonhos. A mulher é fatalmente sugestiva; ela vive uma vida diferente da sua; espiritualmente ela vive na imaginação que ela assombra e fecunda. (BAUDELAIRE, 1860, p. 1s).

À época, tais substâncias eram de uso cada vez mais popular nas esferas literárias – e também científicas – europeias. O láudano – um extrato produzido a partir do ópio e usado como uma espécie de analgésico – era usado regularmente por Baudelaire, que sofria com dores de cabeça e estomacais. Já em 1850 podemos atestar o uso de Láudano em carta de Baudelaire à Ancelle: “Eu estava seriamente doente, como você sabe. Meu estômago está muito chateado com o láudano, mas esta não é a primeira vez, e ele é forte o suficiente para se recuperar”. (BAUDELAIRE, 1947, p. 114s) Ele também foi um assíduo frequentador das experiências psiquiátricas desenvolvidas pelo doutor Moreau no Hotel Pimodan, no *Club des Haschischins*.

O haxixe já era consumido desde a Antiguidade, principalmente na região do norte africano e Oriente próximo, mas na França só passou a ter seu uso difundido

após a campanha napoleônica no Egito, quando equipes de pesquisadores das mais diferentes áreas foram requisitadas a fim de decifrar os mistérios e exotismos da região. Um dos modos de consumo do haxixe (ou do cânhamo/cannabis) é aquilo que chamavam “dawamesk”, uma prática importada do Oriente que consistia no fabrico de uma espécie de geleia a partir do extrato das inflorescências da planta.

Já a cocaína e os produtos derivados da folha de coca começaram a ser utilizados a partir das décadas de 1850 e 1860, tendo seu uso muito difundido nos círculos elitistas, até sua proibição no século seguinte. Por sinal, um detalhe interessante a esse respeito: Angelo Mariani, um químico italiano, desenvolveu, já nos anos 1860, um tônico especial fabricado a partir dos famosos vinhos Bordeaux tratados com folhas de coca, que ficaria conhecido em toda a Europa como “Vin Mariani”, sendo consumido por personalidades da época como a Rainha Vitória, o Papa Leão XIII, Ulysses Grant e Thomas Edison.

A título de curiosidade, em outra passagem de seu ensaio mais famoso (em *Le Poëme du Haschich*, segunda parte, intitulada “Qu’est-ce que le haschich?”), Baudelaire descreve o “estado da arte” das pesquisas sobre o haxixe:

O mais comum destes confeitos, o dawamesk, é uma mistura do extrato gorduroso, açúcar e diversas fragrâncias tais como baunilha, pistache, amêndoa, almíscar. Às vezes, acrescenta-se mesmo um pouco de cantárida, com uma finalidade que nada tem em comum com os resultados frequentes do haxixe. Sob esta nova forma, o haxixe nada tem de desagradável, e pode-se tomar uma dose de quinze, vinte e trinta gramas, envolta numa folha de pão azimo ou numa xícara de café. As experiências feitas por MM. Smith, Gastinel e Decourtive tiveram por fim chegar à descoberta do princípio ativo do haxixe. Apesar de seus esforços, sua composição química é ainda pouco conhecida; mas geralmente atribui-se suas propriedades a uma matéria resinosa que se encontra em boa quantidade no haxixe, em uma proporção de aproximadamente 10%. Para se obter esta resina, reduz-se a planta seca em pó grosso, lava-se este pó várias vezes com álcool que é em seguida destilado para retirá-lo em parte; é evaporado até alcançar a consistência de extrato; este extrato é tratado com água que dissolve as matérias gomosas estranhas, ficando então a resina em estado de pureza. (BAUDELAIRE, 1860, p. 18s).

Aliado a essas experiências, Baudelaire também foi um leitor de Thomas De Quincey, escritor britânico que escreveu, entre outros, *Confessions of an English Opium-Eater* (de 1821) e *Suspiria de Profundis* (de 1845), ambas as obras que

influenciaram a opinião que Baudelaire teria sobre tais substâncias e que descreveria na sequência de publicações: *Du vin et du haschich*, de 1851 e *Les paradis artificiels, opium et haschich*, de 1860. Em correspondência ao seu editor, Baudelaire comenta: “entre parênteses, eu diria que seria bom se você me contasse os seus sentimentos sobre a aparência geral do livro e especialmente a respeito do ópio”; para a seguir mencionar o caráter e o estilo de De Quincey: “é um autor horrivelmente *conversationniste* e *digressioniste*, e não era uma questão pequena para dar a este resumo forma dramática e introduzir a ordem”; por fim, concluindo com o amálgama que se tornaram seus escritos sobre o assunto: “além disso, fui fundindo os meus sentimentos pessoais com as opiniões originais do autor e fui fazendo um amálgama cujas partes são indistinguíveis. Tive sucesso?” (BAUDELAIRE, 1947, p. 27)

É interessante notar, por exemplo, que a visão de De Quincey sobre o uso do ópio, muito embora ele esteja na condição de um viciado, é negativa e depreciativa. Antes de iniciar sua “exposição pública de seus erros e enfermidades”, De Quincey faz questão de mencionar ao leitor a revolta que é, aos “English feelings”, o espetáculo de um ser humano impondo aos outros suas “úlceras morais e cicatrizes”, ao mesmo tempo em que indica: “devemos olhar para a literatura francesa, ou a parte da alemã, que está contaminada com a sensibilidade espúria e os defeitos dos franceses”. (DE QUINCEY, 1899) Mesmo se identificando, provavelmente, com essa “spurious and defective sensibility of the French”, Baudelaire tratou de extrair o melhor que lhe aprouve de De Quincey. Afinal, Baudelaire tinha uma significativa predileção por, ao menos, um autor de língua inglesa: como ele mesmo chamava, Edgar Poe. (BAUDELAIRE, 1920, p. 29) Sobre a influência de Poe sobre Baudelaire, convém mencionar uma passagem importante dos *Fusées*, no qual menciona o conto “The Fall of the House of Usher” (POE, 1845, p. 64-82), relacionando os ambientes e atmosferas presentes como uma referência para as sensações tão profundas geradas pelo haxixe e pelo ópio: “os ambientes, as atmosferas, qual toda estória, deve ser moderado. (Veja Usher, e em referência as sensações profundas de haxixe e ópio)”. (BAUDELAIRE, 1920, p. 14s)

Balzac⁴, que chegara a comparar em algum momento os efeitos do ópio aos do consumo excessivo de chá e café⁵, escreveu uma sequência de cartas endereçadas à madame Hanska e datadas de dezembro de 1845. Na segunda-feira, dia 22, diz Balzac: “Gautier, que estava lá, me fez prometer de ir tomar haxixe com ele, hoje à noite, no Pimodan hotel”. (BALZAC, 1876, p. 205-6) Noutro dia, 23 de dezembro, relata sua experiência no Pimodan:

Eu resisti ao haxixe; pelo menos, eu não experimentei nenhum dos fenômenos que eu tinha ouvido. Meu cérebro é tão forte, que era necessário, eles me disseram, que a dose deveria ser maior. No entanto, ouvi vozes celestiais e vi as pinturas divinas; então eu descii as escadas como nos vinte anos de Lauzun; eu vi o douramento e as pinturas da sala de estar em um esplendor mágico. (BALZAC, 1876, p. 206)

O mesmo Balzac chegou a escrever ao próprio doutor Moreau, por ocasião de agradecer o livro que havia recebido. Após, apresentou uma exposição de suas ideias sobre uma possibilidade de “investigar as causas da demência em pessoas de nossa aberração ou exaltação momentâneas”, além de algumas intenções extravagantes: “se seria de refazer um cérebro a um retardado, se é possível criar uma máquina pensante, através do desenvolvimento dos rudimentos. Isto é, refazer o cérebro que sabemos está alienado”. (BALZAC, 1876, p. 211)

No entanto, um dos aspectos mais importantes de toda essa questão dos “paraísos artificiais” é a visão positiva do “artificial” ante o “natural” que ela permitiu em Baudelaire. Por isso mesmo não é de se estranhar o fato de que, no senso de beleza baudelairiano, o espaço ocupado pela maquiagem e pelos adornos eclipse o espaço tradicional dos corpos e de sua beleza física. Naturalmente isso tem a ver com a sua propensão à negação de tudo que seja neoclássico. E é isso também que proporciona seu desdém pela arte realista, a qual é substituída em seu interesse

⁴ Que havia escrito sobre outras cinco substâncias “*excitants modernes*”, em 1838, sob o título de *Traité des excitants modernes*, livro em que abordou o café, o tabaco, o açúcar: “O excesso de tabaco, o café em excesso, o excesso de ópio e de ‘eau-de-vie’, produzem distúrbios graves e levam a uma morte precoce. O corpo constantemente irritado, constantemente alimentado, torna-se hipertrofiado: é preciso uma quantidade anormal, padece, e vicia a máquina, que sucumbe”. (BALZAC, 1838)

⁵ “Para alguns organismos fortes, o chá forte e tomado em grandes doses fornece uma irritação que paga tesouros de melancolia; que provoca sonhos, mas menos potentes do que o do ópio como essa fantasia ocorre em uma atmosfera cinza e vaporosa”. (BALZAC, 1838)

pelo elogio da caricatura. Afinal, Baudelaire tem “tão pouco gosto pelo mundo vivo”. (BAUDELAIRE, 1998, p. 08)

Para Baudelaire, a “guerra contra a imaginação” travada pelo realismo de um Courbet, por exemplo, nada mais é do que uma repaginação do “espírito sectário” dos neoclássicos; e a busca de um realismo, de uma “natureza exterior, positiva, objetiva” caminha, inevitavelmente, ao “fanatismo” e à “imolação”. (BAUDELAIRE, 1868, p. 227-8)

Outro ponto importante é a relação evidente, nessa guerra que Baudelaire encampa contra o “natural” e contra o “real”, com o “sobrenatural”. A predileção por Poe, assim como uma postura crítica para com a ciência nascente e as vertentes filosóficas de um Comte, por exemplo, são provenientes dessa visão, desse espaço reservado à existência do “sobrenatural”, do “supranatural”.

Afora Baudelaire, as gerações logo posteriores, principalmente Verlaine e Rimbaud, são reputados consumidores do dawamesk, do haxixe, do ópio, do absinto etc. Tais substâncias e experiências alucinógenas foram elementos importantes herdados (ou melhor, repassados, ressignificados e refinados) de Baudelaire às gerações vindouras de simbolistas e decadentistas. Talvez o grande diferencial entre Baudelaire e as gerações posteriores seja o fato dele ter produzido uma opinião elaborada sobre o assunto, refinada ao ponto de ser, mesmo, uma espécie de autoanálise.

Algumas das razões para essa procura, tão arraigada naquela sociedade, por substâncias que produzissem experiências psicotrópicas, poderiam ser creditadas em iguais pesos ao clima entediante que absorvia a vida moderna. Baudelaire chega mesmo a alertar o leitor: “você verá neste quadro um caminhante sombrio e solitário, imerso na corrente das multidões”. (BAUDELAIRE, 1998, p. 08)

Além disso, há também a busca pela originalidade, pela afirmação enquanto sujeito da história. Nesse sentido, o haxixe, o ópio e mesmo o vinho, devido às suas propriedades pouco usuais e qualidades únicas, forneciam os instrumentos necessários para os sujeitos saírem da modorra cotidiana, potencializarem seus predicados criativos, preencherem seus arsenais visuais e de ideias com novas experiências. De certa forma, os “paraísos artificiais” eram uma ferramenta necessária para se pensar “outside the box”, para além do horizonte romântico dominante.

Mas, para além disso, Baudelaire também pode ser encarado, senão como um dos precursores, certamente como um sedimentador de uma abordagem analítica que se fundamenta na observação, compreensão e reflexão participante. De um ponto de vista que colapsa a própria ideia de objetividade ou da separação entre sujeito e objeto. Na analítica baudelairiana, sujeito e objeto se imiscuem, amalgamam-se em uma única experiência, onde o narrador se combina intimamente com a ação narrada.

BIBLIOGRAFIA

BALZAC, Honoré de. *Correspondance de H. de Balzac, 1819-1850*. v. 2. Paris: C. Lévy, 1876.

_____. *Traité des excitants modernes*. 1838. Disponível em: <<http://www.bmlisieux.com/curiosa/excitant.htm>>. Acesso em: nov. 2013.

BAUDELAIRE, Charles. *Exposition Universelle de 1855*. In: BAUDELAIRE, Charles. *Curiosités Esthétiques*. Paris: Michel Lévy Frères, 1868.

_____. *Journaux intimes. Fusées. Mon coeur mis à nu*. Paris: G. Crès, 1920.

_____. *Les Fleurs du Mal*. Paris: Poulet-Malassis et De Broise, 1857.

_____. *Les Fleurs du Mal*. 2. ed. Paris: Poulet-Malassis et De Broise Éditeurs, 1861.

_____. *Les paradis artificiels, opium et haschisch*. Paris: Poulet-Malassis et de Broise, 1860.

_____. *Oeuvres Complètes*. Correspondance générale, Tome Premier 1833-1856. Paris: Éditions Louis Conard, 1947.

_____. *Paraísos Artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DE QUINCEY, Thomas. *Confessions of an English opium-eater*. New York: D. Appleton & Company, 1899.

GAUTIER, Théophile. *Le Club des Haschischins*. Paris: Alphonse Lemerre, 1897.

MOREAU, Jacques-Joseph. *Du hachisch et de l'aliénation mentale: études psychologiques*. Paris: Fortin, Masson, 1845.

POE, Edgar Allan. *Tales*. Nova York: Wiley & Putnam, 1845.

ROYAUMONT, Louis de. *Balzac et la Société des Gens de Lettres (1833-1913)*. Paris: Dorbon-Aine, [1913].

WALDROP, Keith. Translator's introduction. In: BAUDELAIRE, Charles. *The Flowers of Evil*. Wesleyan University Press, 2006.

Artigo recebido em 10 de novembro de 2013. Aprovado em 30 de novembro de 2013.